

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO  
de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis  
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre . . . . .	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . .	600 »
Brazil, semestre . . . . .	700 »
Avulso . . . . .	20 »

## A revolta do Porto

A liberdade é morta — Viva a liberdade!

Estou convencido a serio, — porque pertengo ao grande numero de indisciplinados republicanos que querem a republica de que uma Revolução se fará dentro em breve, a mais nobre, a mais jenerosa, a mais simpatica de quantas revoluções tentado um povo ofendido, em nome da sua dignidade e da sua honra.

Quero-a, desejo-a, promovo-a, e disso me ufano. Com a minha consciencia vivo na mais perfeita beatidade. Da minha inteljencia faço o uzo ma's nobre. Estou tranquillo por mim, porque pratico uma boa acção. Como o convencional, fiz comigo proprio um pacto, que vae desde a liberdade até á morte. Ao serviço da minha cauza puz todo o meu pensamento, todo o meu sentimento, toda a minha acção.

Dias virão cheios de alternativas, dias de orgulho talvez, dias de infortunios — quem sabe?

E' todo um mundo a fazer! E' toda uma sociedade a reformar! Vivemos sobre lama. Os pés enterram-se nos solo. Quanto esforço, quanto trabalho, quanta corajem para consolidar o chão que nos foja! Pois bem. Batidos, vencidos, eu, nós, os meus companheiros de combate, recomeçaremos em qualquer parte em que estejamos, aqui, ou na terra estrangeira, dando o nosso sacrificio pessoal, entregando a nossa felicidade, a nossa vida á cauza da patria e da liberdade.

Vitoriosos, ainda será a cauza nacional aquela que para nós prevalecerá acima do interesse dos homens e dos partidos, e velaremos por ela como pelo tabernaculo em que rezida intacta a partitura sagrada da patria feita do sangue e das lagrimas de todos nós.

Eis do que provem a nossa imensa confiança, — da nossa fé e da nossa força, inexgotavel mina onde diariamente vamos haurir a infinita abnegação para a luta, a intemerata corajem para o infortunio.

Eis porque não ha governos que nos desarmem. Eis porque não ha opressores que nos esmaguem. E enquanto existirmos haverá guerra. Com a victoria. Com a morte.

João Chagas.

(Historia da Revolta do Porto).

Queriamos a republica simples, mas pura; singela, mas nobre.

O mais, tudo era secundario. Escolas, sistemas politicos, nuanças governativas — coizas boas para se discutirem depois.

Naquele primeiro impeto, que nos trouxe para a rua, por ocasião do ultimatum, não havia reflexão para meditar criterios mais profundos. Mais tarde, quando veio uma curta hora de calma, o espirito de muitos nós vagueou pela aspiração revolucionaria, buscando o brilho de mais estrelas e profundando a duvida de

outros problemas. Nem só a republica, figura astral, brilhante mas incompleta. Uns fizeram-se socialistas, outros buscaram a luz sonhada na quimera do anarquismo. Mas isso era o vôo individual, por um ceo particularista.

Unidos, todos comprehenderam sempre que o primeiro passo, na longa jornada que jámais cança, era direito ao trono; e, no campo da revolta positiva e de facto, todos os pulsos se juntavam para incendiar com o mesmo facho.

Essa Tavola Redonda, sem rei Artur, tinha tantos sonhos como os cerebros; mas a alma era só uma — a alma errante da revolta nacional.

O constitucionalismo caduco agarra-se á terra por uma raiz mirrada, mas que o tempo petrificou. Esperar que ela se desfaça pela acção do tempo é injenuo e merozo.

A necessidade de a cortar a machado é inevitavel.

E' bem triste empoçar sangue humano nas valetas das ruas; mas é do destino inexoravel que cada edificio que a humanidade constroes para se acoirar, tenha os alicerces regados a sangue e as paredes borrifadas a lagrimas.

Sofre-se muito pelo mundo; vae uma agonia extranha pela terra; e, na amplidão quimerica do sonho revolucionario, ha traços de sangue injenuo que fazem calafrios e borbotões de lagrimas piedozas que enregelam o coração.

E' verdade, é. Mas, se é preciso ir buscar esse sangue, anda que tenha de se arrancar ás lançadas de peitos famintos, e essas lagrimas, ainda que se tenham de esmagar olhos macerados e sofredores, que não trepide a mão revolucionaria, porque ela, parecendo barbara, é humana.

Se é doloroso abrir a ferro uma veia, é consolador saber-se que o sangue que vae cair animará muito coração exanime. E, se treme de horror a mão que vae flajelar uma alma para arrancar uma lagrima, tranquiliza-se o cerebro ao saber que essa lagrima vae dar a vida a muito peito queimado pela sede amarga da justiça.

E' triste, é. Mas a vida é isto: uma fornalha doída, em que as grandes labaredas historicas, só se produzem á custa da nossa carne e dos nossos ossos.

Apagal-a seria destruir o mundo, e dar-lhe outra lenha, fazer cinzas sem braza.

Então, já que as revoluções são fataes, que se façam apesar de serem ferozes.

Somente áqueles que ateiam o incendio cumprê regular a chama, não vá ela carbonizar de mais — o que seria impiedade.

Assim o comprehendemos sempre.

Antonio Jozé d'Almeida.

(A Desafronta).

## A ITALIA

Em convulsões gigantescas que a sciencia é impotente para evitar ou

sequer para regularisar ou prevêr, cujas origens certas desconhece, se arrazaram povoações sobre povoações na Italia.

Cataclismo horrivel que sobre as perdas materiaes de menor monta custou algumas centenas de milhares de victimas que todos comovidamente e justamente deploram.

E' que as convulsões sismicas repercutiram intensamente na alma humana.

Se a crosta terrestre tremeu e se fendeu, também a nossa sentimentalidade foi violentamente abalada.

O que a vida tem de bom, manifesta-se sempre perante a dôr, o infortunio ou a morte — é a caridade!

E' então que desaparecem as fronteiras, as nacionalidades, os odos de raça para apenas se vêr a Humanidade! Todos accorrem sollicitos de todas as partes do mundo a socorrer os seus irmãos desventurados que sob o céu lindo da Italia, no meio das suas ridentes veigas e das suas paisagens bellas e suaves, encontraram a morte horrorosa.

E como a todos é sympathica a pobre Italia! Porquê? Não sei!

Talvez porque pertencendo á nossa raça, ella seja a de mais bellas tradições nas bellas artes!

De lá veio a muzica mais sentimental, que mais se coaduna com o nosso temperamento, que nos enleva e arrouba; é a terra romantica, a terra das gondolas venezianas e das cantatas napolitanas sempre repassadas de doce melancolia.

Mas a Italia não é apenas a terra da muzica, da poesia, da pintura, da visão e do sonho; a sua litteratura scientifica é numerosa e de valôr, e ramos ha da sciencia em que a Italia foi durante muito tempo o arbitro. O Direito administrativo e o penal tem n'ella os seus meliores tratadistas; são d'ella psychologos como Lombroso e Mantegazza e n'um periodo muito curto conseguiu ella pela regeneração da sua lavoura e pelo aperfeçoamento dos seus processos culturaes restabelecer as suas finanças e tornar-se uma potencia com voz respeitada no concerto das grandes nações mundiaes.

Pois quando a Italia resurgia pelo seu trabalho, pela sua boa vontade e energia, pelo seu tino e cuidado nos negocios publicos, é duramente provada e enlutada pela desgraça.

Não ficou só: milhões de vozes se ergueram implorando socorros para as victimas, milhões de bolsas se abriram d'um ao outro extremo do mundo civilisado.

Foi uma lição de Socialismo pratico.

Quando uma desgraça fere o nosso semelhante, o socorro dos ricos, dos remedados, de todos emfim os que podem dispensar o seu obulo, constitue um verdadeiro dever moral.

Ninguém espera nem exige esse socorro dos famintos, dos nus, dos desabr'gados, dos que emfim necessitam d'esse socorro; nnguem se lembra de os alcunhar de deshumanos, d'avaros ou d'egoistas.

Pois em Portugal também encontrou a Italia um auxil ar!

E' bonito? talvez... mas não é justo. Ou então seria justo que perante a derrocada do palacio d'um opulento capitalista que ainda ficou rico, o proletario pobre despiesse a camisa para a dar a esse capitalista.

Parecerá extranha a theoria mas representa a que sinceramente supomos ser a unica aceitavel.

Ninguém mais do que nós ama e lamenta a Italia; ninguém com ma's agrado vê o movimento humanitario realisado em favor d'ella.

Seria ainda talvez justo que os portuguezes ricos concorressem com o seu obulo. Mas abrir uma subscrição nacional, interessar n'ella o povo, ir buscar a esmola a quem a devera receber, não é justo nem sensato. Vamos enviar á nossa irmã o nosso concurso, deixando os nossos filhos a tritar de frio e fome, os nossos velhos ao desamparo por falta d'asylos, os nossos doentes morrerem por falta d'hospitalisação conveniente, os nossos cegos e paralyticos esmolar de porta em porta, as creanças e as mulheres perderem-se e prostituirem-se e os criminosos voltarem á vida errante do crime por não haver quem lhe dê a mão carinhosa que os guie pelo caminho do Bem, da Honra e do Trabalho, e vamos socorrer os outros.

Novos Pelicanos da lenda, abrimos o mag'o seio para alimentarmos os outros, deixando morrer á fome os nossos filhos.

Isto não é philantropia, é loucura.

Carvalho de Souza.

## Ovar e a beneficencia

XII

Certo julgo que a Misericordia d'Ovar em breve surgirá vigorosa e energica a diffundir benevolente os seus innumeros beneficios.

Dão-me essa certeza os excellentes sentimentos dos ovarenses que perfeitamente se coadunam com a indole bemfazeja d'aquella instituição, o entusiasmo caloroso das nossas mulheres, mais formosas d'alma do que a sua notoria gentileza do corpo, que n'ella vêem realisada a sua mais ardente aspiração, e o apoio unanime dos homens que na sua indefessa diligencia e actividade não conhecem impossiveis que não possa realizar a sua vontade pertinaz e inquebrantavel, quando posta ao serviço do bem e do engrandecimento da sua querida terra natal.

Avante, pois, e não cesseis nem um momento de seguir a vossa jornada que ao cabo d'ella vos espera o premio mais glorioso e consolador. Será o seu remate a mais deslumbrante apothose d'Ovar, abençoada pela gratidão dos desvalidos, arrancados ao pótro da sua tortura incessante, e clamorosamente aclamada pela nação, arrebatada em um impeto d'admiração e que a proporá como exemplo a imitar pelas outras povoações.

Por muito rapidamente que vos impilla o vosso ardôr inexcedivel e invencivel, demanda essa gloriosa jornada alguns annos, e eu tenho já tão poucos a viver que não logra-

rei a suprema ventura de assistir a essa apothose final que seria o mais ineffavel prazer que a minha alma ambiciona.

Tão certa a reputo, porém, que a minha imaginação antecipa-se a gozal-a. Verei com os olhos da alma o que os do corpo já não poderão contemplar.

Estou vendo erecto em sitio sobranceiro a Ovar um gracioso bairro, cognominado com o nome expressivo e sorridente da caridade.

O solo vasto é sulcado por amplas avenidas, orladas de tableiros viridentes e matizados das mas variadas e formosas flôres. Do seio d'essa alcat fa viva e aprazivel emergem edificações singelas e elegantes, amplamente banhadas d'ar e scintillantemente illuminadas pela luz que se despenha no seu interior a jorros. São essas edificações verdadeiras mansões de ventura em que a caridade prodigaliza com a mais suave meiguice e com o mais affectuoso carinho os dons d'alma dos bondosos ovarenses aos seus irmãos que o infortunio pôz sob a sua benéfica protecção e confiou ao seu entranhado amor e accurado disvello.

Aqui os enfermos em luta com a doença, que os prostrou, haurem na mais meticulosa hygiene, na mais sagaz observação medica, e na mais cariciosa enfermagem, novas forças que, auxiliando eficazmente o seu organismo, quebrantado mas não vencido, derribem o inimigo e lhes permitem volver retemperados e vigorosos á fama do trabalho.

Alli os invalidos, que um fadigoso e ininterrupto labor exgotou ou um desastre inutilizou, vêem decorrer os dias na mais serena e consoladora tranquillidade, sem cuidados pela alimentação e pelo vestuario que confortavelmente lhes mantem vivo e alegre o espirito que se compraz em acalentar-se aos raios vivos do sol, quando a quadra invernosinha lhes regela os membros ou em refrigerar-se á sombra das arvores copadas quando a calma da estiagem os angustia.

Além creanças, orphanadas pela privação da mãe carinhosa ou pela sua absoluta carencia de meios e impossibilidade physica para as preparar para as luctas da vida, voejam irrequetas, empolgadas pela mais candida alegria, flôr graciosa e aromatica que faz brotar espontaneamente a felicidade que intimamente as impugna e lhes inunda a alma, bem alimentadas e vestidas e cuidadosamente educadas para se transformarem nas futuras promotoras da felicidade do lar domestico e para, pela morigeração dos seus costumes e sua discreta actividade, serem excellentes elementos de regeneração e boa harmonia social.

Quando n'esse futuro que almejo ser pouco longinquo, as nossas gentis patricias emprehenderem uma romaria a esse bairro sacrosanto que delectavel espectáculo as espera e como elle será fagueiro á sua alma toda sentimento e que tanto se recreia e rejubila com tudo que é bom e que proporciona a dita, proveniente do virtuoso cumprimento dos seus deveres! Com que grata ternura e desvanecida ufania ellas se sentirão enlevadas na contemplação dos formosos fructos da sua de-

dicação e do seu altruismo! Como a felicidade dos outros determinará a sua!

E os homens, obreiros tenazes d'essa obra grandiosa, padrao immo-redouro de gloria para a sua terra e para elles, sentirão a benhal-os o mais ineffavel jubilo. E reconhecerão que superiores aos fugazes e estereis affagos da vaidade ha os impulsos da caridade que, arrastando-nos docemente no suave e aprazivel caminho do bem e proporcionando aos nossos irmãos infortunados o bem-estar a que teem direito, reflexamente nos inebriam com a plena satisfação de os vêr tranquillos, serenos e inuudados do prazer de nada lhes faltar no presente e no futuro. Sentir-se-hão delectavelmente affagados pelos testemunhos incessantes de gratidão dos infelizes que arrancaram ao martyrio da sua desventura, e muito mais do que isso a sua consciencia lhes bradará continuamente que, cumprindo um dever social, se tornaram benemeritos da humanidade. E a certeza de que a sua querida terra natal segura sem preoccupações molestas na derrota do seu progressivo engrandecimento os incitará a não affrouxarem nos seus disvellos e nos cuidados dispensados aos que a sua inferioridade manifesta confiou da sua protecção. E reconhecerão pela desvanecida felicidade que continuamente lhes tornará aprazivel e ditosa a vida ser certo que quem dá aos pobres empresta a Deus.

F. B. Z.

ECOS DA SEMANA

Autonomia municipal

Dentre os varios fructos que os do Porto tiraram da viagem real ao Porto, um, e o não somenos, foi a denegação do governo a deliberação do municipio da segunda cidade do reino. Na verdade cercceadas e restritas, como se encontram, as attribuições dos vereadores, é galanteria de incontestavel mentira falar-se ahi em governo municipal. Percebem-no agora até a evidencia os mesmos, no Porto, que por subser-viencia grosseira aparentavam uns restos da conformidade com as relações entre Camara e Poder Central, e vae d'ahi queixam-se, de palavras, e concordam que é indispensavel obter-se a autonomia municipal. Um desses tristes desiludidos é o Dr. Tito Fontes, revoltado contra os abusos do ministro do reino, e clamando com os outros pela autonomia municipal. E para a conquista sua Ex.ª deixa-se contar onde estava, queixoso dos governos, e ao mesmo passo servindo-os. Sim: porque como rejeitador havia de ser contra a camara, e como bom vereador havia de ser contra os rejeitadores — contra monarchicos — pois o mal que o faz queixar-se é uma obra monarchica. Sua Ex.ª sabe-o, e conhece que, com a monarchia, já mais alcançam os municipios a autonomia de que carecem. Sabe-o, e apenas esboça um movimento que, no fim de contas, o deixa estar onde estava, e precisamente com o que censura. Ou sim ou não; ou agua ou vinho.

Gloria ao «Paezinho»

Foram enforcados na Russia, ha dias, vinte e oito revolucionarios. A Duma protestou contra a horrenda chacina, mas attendendo a que são precisas taes execuções o governo ordenou que as realizassem, e a Duma fez-lhe o gesto que é de costume para cazos taes. Sim, ele na verdade era bem preciso chacinar aquellos infelizes que a neve e os cervos desfazem!... Se assim não fosse como poderia conciliar o cazar os pezados sonos da noite russa, e com que difficuldade havia ele de djerir os reaes e gôrdos festins... Na verdade é bom que o Czar

durma em paz embalado pelo ritmo e correnteza da Forca.

Por amor de Deus

Desconcertando-se, «O Portugal» vem dizendo que os republicanos recuam — apavorados, medrosos. Percebe-se bem ao que mira aquele mão-pae do pequeno Albino, e é tal a fura do homem por vêr furado o seu plano: — que todo o jogo se lhe descobre. O «nosso medo» é não cairmos na armadilha que os do «Portugal» e os talassas andavam chocando, ha tempos. Como se por cá ainda houvesse quem corresse atraz de cachorros — mesmo vestidos de estola, ou amezendados ao canto dos balcoes onde corre o oiro. Pois é deixal-os latir e sigamos nosso destino, obrigando-os, com a bengala, a respeitoza distancia.

31 de Janeiro

Faz domingo 18 annos que numa fria manhã — 31 de janeiro de 1891 — nas ruas do Porto se combateu e morreu pela implantação da republica. Dos homens que a planejaram uns estão mortos, como Leitão, outros vivem ainda animados do mesmo espirito que os levou a luta das ruas, ás prisões, ao exilio e ao sofrimento; á amargura. Bazilio Teles, Bruno, Cuagas, Alves da Veiga, teem visto correr o tempo, e em cada dia que passa, mais lhes cresce o convencimento de que essa revolução moralmente foi necessaria; e essencialmente — foi justa, magnanima, enobrecedora. Ela foi o unico protesto digno contra o ultimatum inglez, contra a corrupta administração monarchica, contra os vicios e contra a fraude deste rejime que d'ano a ano nos tem levado á degradação a que já descemos. Talvez demasiadamente nobre nos seus actos, inflexivel porém nos seus intentos de honra civica; — ficou nos como uma grande lição e como um admiravel estimulo. Falhando, por culpa do destino, deixou a impressão do que havia valido, do significado que lhe pertence de corajem e de sacrificio. Vencida, todos lhe viram defeitos, lacunas, tudo o que sempre succede aos derrotados na lição: que os de fóra criticam — covardes, na incapacidade de os imitar. Mas, se houvera veacido o que de louros e incenso; e, isso é o que importa, — se não houvera abortado que largo caminho feito.

O que se haveria economizado, melhorado, dignificado — em tudo! Ha dezoito annos, fal-os domingo, pela manhã, — e até quando, ó divino clarão que illumina os nossos peitos!...

Nas ruas do velho Porto banhadas de jeneroso e rutilo sangue, — evoquemol-o, agora melhor que nunca, nesta ancioza hora que ninguém sabe a abnegação que d' nós exje.



Ponto de interrogação no horizonte: — o politico-monarchico, é claro. Uma chamada de Teixeira de Souza a palaco, larga conferencia com o rei, certo ar de disfarce na noticia seca do cazo, e eis fervilhantes, inquietos, os perdigueiros do periodismo. Que será — que não será, o ministerio que se estatela, ou a concordia que surge? Quem o sabe está caladinho, mas é de crer no accordo: — no beijo da reconciliação e da paz — tão necessaria, a união, ao lustre e gloria da corôa. E não será, — que os adivinhos se raiem.

Por nós, como o bom do Sá de Miranda, diremos, aproveitando-o: «Por novas não vos canceis...» E, afinal, o tempo lá trata disso.

Reunião republicana

Reuniram-se, em Lisboa, na tarde do dia 22 do corrente a convite do Directorio, os prezidentes das commissões municipaes, vereadores, deputados e directores dos jornaes

partidarios. Concorridissima a reunião a que assistiu o director do nosso jornal.

ARA PENNAS

I

Passou no ar, voando triunfante sobre a caza onde vives recatada, uma inocente pomba abençoada, a caminho do lar, talvez distante!

Ela deixou cair a pomba errante, na tua janelinha de saccada aquela branca pena delicada, que tão bonita achaste, tão galante.

E assim, sempre buscando a novidade que dê realce á tua mocidade, egual a tantas outras pela vida,

pregaste a branca pena no cabelo, e esse enfeite tão simples, tão sinjelo, fez-te mais linda e mais desconhecida!

II

Meu pensamento vae, tambem, senhora, buscando, como tu, a novidade. Os meus versos o levam, vida fora, sob o rizonho cêo da mocidade!

Quantas vezes regressa aon le mora, tão fatigado, mete piedade! Mas parte novamente, sem demora, fortalecido e bom nessa vontade!

— Inspiração, ó branca pomba errante, batendo as azas livre e triunfante, dos sonhos meus no azul do firmamento;

deixa cair algumas tuas penas, as idéas bemditas e serenas, na sacada do triste pensamento!

Julio Batista Ripado.

Lançando as redes

Jezuitas e banquelros

A campanha de alarme feita no estrangeiro sobre a situação politica corrente, em Portugal, a difamação na mesma imprensa de certos homens publicos da nossa terra; as atoardas sobre pretendidas conspiratas republicanas, de que os mesmos jornaes dão sensacionais e des-envolvidas noticias, não são, como ainda alguns injenuos ou credulos possam supôr, da parte desses jornaes simplesmente o cargo de officio jornalístico, de noticias urbi-orbi as novidades que passam nas quatro partes do mund. Não é para informar de ciencia certa, de exato conhecimento, os seus milhões de leitores, que colossos da imprensa londrina e parisiense enchem colunas sobre colunas com as mais espantozas e mais romancescas mentiras, a respeito da nossa situação. Mexendo tudo aquilo, dirjndo todos esses ataques, forçoando, vem-se a descobrir, e reconhecer, que mão oculta os distribue e comanda, como esquadros de batalha. E não ha duvida de que uma batalha se trata, traigoeira e venal, feita nas pregas do misterio, jorada e acionada da sombra: — batalha que por campo abranje todo o territorio da nossa patria, e que por finalidade da luta faz jogar os nossos destinos de nacionalidade e de povo livre. Não é isto fazer banalidade retorica; — a quadra vae para actos concizos e decididos que não para palavras, por muito lindas e sedutoras que sejam. Ora quem tenha acompanhado com um pouco de atencção e racionalidade a fabricação clandestina de noticias, telegramas, cartas, etc, etc, sobre a actual crise politica, cá dentro em Portugal, e lá fora no estrangeiro, quem correlacione todos esses indicios na sua relação de concordancia e de complemento, facilmente verificará que de uma luta seria se trata, e depressa tambem atinjirá a verdade de conhecer o fio oculto da campanha, os seus mizeraveis fins, e a jente que a põe em pratica. Sem quereremos privilegio pela des-

coberta — dita e provada já por outros nossos colegas — chegámos á conclusão que tudo o que contra Portugal, e contra os liberaes portugueses se tem dito e escrito, é um jogo financeiro, e é uma cartada do jezuita. Burnay e Campolide aliados: um para o definitivo e final predomínio da igreja catolica-jezuita, para a vingança tão no animo dos anjelicos espiritos, para o espectáculo do sangue inimigo empapando as ruas; o outro para tranquilamente acabar por nos djerir, e transformar-nos em libras no profundo e amaldiçoado abismo dos seus cofres de ferro e aço. Burnay forjando telegramas para impedir que lá fora nos emprestem já cinco reis, atando o governo d' pés e mãos ao seu senhorio de nababo unico: — dispensador supremo — reinante!

Campolide auxliando essa trama, invencionando por conta propria, creando o estado d' insegurança, de mal estar, de receio; — para o mesmo fim: o sugar-nos, fazer de nós couza sua. Pelos seus orgãos na imprensa «Jornal do Comercio» e «Portugal», pelos seus agentes nos mercados bolsistas e no cosmopolitismo boato da jezuitada, lançando a rede do alarme, preparando a Europa para surpresas. Pode sossobar na manobra a nossa existencia autonoma, pode rezultar d'ela uma terrivel e furioza guerra civil, pode, pelo menos, turvar-se de difficuldades e perigos para nós o horizonte dos dias proximos.

Isso que importa, porém, a quem não tem outra patria senão a libra e o Dogma, isso que embaraço provoca aos que dos homens apenas querem o suor do rosto — em di-nheiro, a alma e o corpo de pés e mãos aljemados, na sujeição absoluta, ao successor de Lodiola — o Papado: ciozamente, exclusivamente — romano.

Que levemos existencia ativa e livre não lhes convem, a liberdade e a democracia serão a morte fatal, no termo, de banquelros e de jezuitas: — os dois plutocratas dominadores. Combatem-na pois, guerream-na, covardemente, pelos processos da navalhada, insidiosamente, rancorosamente. E' lhes indiferente que os que eles guerream sejam a unica esperança; a salvação unicamente possivel. O que lhes é essencial é o predomínio, e hoje, em Portugal, só a monarcha lho pode eficazmente assegurar e manter.

Defendem-na por todos os meios, com uma furia de tresloucados fanaticos, de existencias em perigo. Advinham na democracia o triunfo da Equidade e a prevalencia da Moral, como não haviam portanto de hostilizar-lal Verdadeiros monarchicos a quem a morte da monarchia será a certidão de obito, olham o futuro com susto e raiva, esforçando-se por destrui-lo.

Para isso tudo serve: — falsas noticias propaladas fóra e dentro de Portugal, incitamentos ao governo para a violencia e para a perseguição, ameaças de pretensos furores demagogicos, sementeira de odios espalhada todos os dias, dernorteamento da opinião pelo terror, pelo mêlo. «Isto não pode continuar» é a sua palavra de ordem...

Oca «isto» são as conjustas pacificas da democracia, «isto» é o rejuvenescimento, agora já evidente, da nossa raça; — acordando e nfin de um torpor de seculos.

«Isto» é o desmoronamento de um mau lo velho onde os banquelros, os jezuitas e os monarchas vivem parasitariamente, e á grande, do trabalho e das privações de cinco milhões de subditos...

«Isto», em suma, — é o seu morrer sem remedio.

«Não pode continuar assim»: o que significa «é necessario retrogradar, ao menos é indispensavel parar... Para o conseguirmos temos os nossos principios, os de Miquavel, os da Mão ta Secreta, os da F.nança...» Patria, impecabilidade da bandeira, fortuna nacional, rea-

peito humano, não lhes importa nem os torna meditativos...

Pois embora: isso a nós nos importa, e succeda o que succeder, custe o que custar — havemos de defendel-os para honra nossa — para bem nosso.

CHRONICA AGRICOLA

Lá vae o prometido — uns periodos para os conceiros e caturras.

Estamos chegados na sequencia d'estas chronicas ao exame dos adubos e teremos portanto d'examinar o valor dos adubos chimicos.

Ora o emprego dos taes póis é que irrita mais profundamente o teimoso; como pôde um bocado de pó valer tanto como um carro d'estrume?

E os nossos avós, esses homens praticos nunca quizeram saber de póis... Alto! Isso é falso! A adubação chimica ha muito que preoccupa os lavradores até mesmo do nosso paiz. Mas quando digo ha muito não me refiro ha 10, 20 ou 30 annos. Ha mais de 120 annos elles se usam e empregam em Portugal.

Até vós, oh caturras, os empregaes e achas bons!! Pois qual é o lavrador que não tem reconhecido o valor das cinzas e da cal?

Que é a cal senão um adubo chimico? Mas como eu calculo que duvideis que ha mais de 120 annos — isto é — do tempo dos nossos bis-avós, se cuide d'adubos chimicos volto a affirmal-o e vou prova-lo.

Em 1777 foi apresentada á Real Academia de Sciencias de Lisboa (que ainda hoje existe) uma Memoria que ella premiou e na qual se lê: «que todas as substancias assim animaes como mineraes e vegetaes que contem acido aereo e gaz inflamavel podem servir d'estrume. Que entre essas substancias são peores estrumes as animaes, melhores as mineraes e muito melhores as vegetaes.

N'essa mesma Memoria escripta ha 132 annos se considera que dos estrumes mineraes os melhores são o cré, o marmore e as conchas e que as cinzas que tambem se podem reputar como estrume mineral, são ainda melhores terminando por affirmar que os estrumes animaes se podem bem suprir com qualquer dos acima apontados.

Se, pois, só o que é velho vos agrada, se temeis as iras de Jupiter por seguir o progresso, sabei que já nossos bis-avós empregavam adubos chimicos.

Em outra Memoria igualmente premiada pela Academia Real em 1788 — ha 131 annos — dizia Constantino Botelho de Lacerda Lobo, que a alguns — parece absurdo apartarem-se do que ordinariamente praticam e teem aprendido dos seus antepassados. Porém, nenhum valor deve ter o abuso e auctoridade quando esta é repugnante á experiencia.

Caturras! Fostes previstos por o bom e sensato antepassado que tal escreveu!

Todo o lavrador sabe que para obter boas produções n'um terreno, é necessario adubal-o bem. Por melhor que o terreno seja, se não for adubado, cança. Porquê? A terra não muda de sitio, a cultura é a mesma, a semente a mesma... que lhe falta? Falta-lhe o comer-diz-me um visinho a quem dirigi aquella pergunta, e quem não come enfraquece!

E' certo, mas eu vejo ás vezes adubar uma terra com estrume do curral, ella produz bem, e depois da colheita vejo ao cimo da terra o estrume, embora secco!!

— Mas o que lhe faz bem é o summo observa elle; então o senhor ainda nunca viu pasto e hortas regadas com sugo do gado?

Ficam verdes que é um regalo vel-as, e não levam matto nem palhas das camas.

Efectivamente já observei isso e como eu todos os outros lavradores.

Logo, não é só a materia organica que beneficia as terras; são tambem os elementos, de que ella se compõe e que se dissolvem com a humidade. Quando o anno é secco em demazia, embora se estrume bem, não se colhe tanto como quando elle é regularmente humido.

E' bem sabido que não é o estrume que sóbe por a canna do milho acima...

Se, pois, o que faz bem ás plantas são os elementos que esse estrume contem, fica bem comprehendido que é igualmente bom dar-lhe esses elementos embora por qualquer outra forma.

Mais comensinhamente: nós os homens igualmente nos alimentamos com carne, pão, peixe e vinho ou só com leite. E até só com este que nós começamos a viver e a engordar, e até ha, quem durante annos se alimente exclusivamente de leite.

Assim as plantas. Ou com adubo de curral, ou com aquillo que lhe forneça o que elle lhes daria.

Polvora seca...

A monarchia radioza e nova de D. Manoel II acaba de descobrir não a Pedra Filosofal, nem a Mocidade-Perpetua, mas couza de outro valor: — trez companhias mais para a guarda, e carabinas de guerra para a policia. Apóz a viagem ao Norte, o aturado e admiravel estu-do, reconheceu S. Majestade, passando em grata revista as recorda-

ções da viagem, que, apesar de tudo, ao seu bom e humilde povo faltava um não sei quê; o quer que fosse, indeterminado, para ser feliz e contente.

Instrução?... Qual, se todos eram tão sabios que 70 % nem ao menos sabiam ler, e se tantas eram as escolas que, na maior parte das povoações, não haviam nem a metade das que seriam precisas; se em toda a parte tão intensiva era a educação popular que os filhos do povo, no maior numero, nem sequer sabiam qual o braço a que se apoia a mão direita no campo, no rejimto, ou na fabrica!... Boas e numerosas estradas? Mas de norte a sul e de leste a oeste, quanto a isso, era o paiz um jardim! Pois não as atravessara na marcha vertiginosa do auto, não lhes seguira das portinholas da carruagem real as sinuozas e estiradas manchas brancacentas... Bastantes, boas estradas! Mas isso vale por um dogma, tão boas como o peor atoleiro; tão bem traçadas que largam o caminho recto para valorizar o inculto do proprietario-mandão; e tão bastantes que, ainda, ha freguezias neste paiz - seculo viute... e na Europa - sem comunicação com o mundo. - Condições economicas aflitivas, - talvez viver de miseria?

Mas, sem nenhuma duvida, isto é uma patria de brasileiros ricos, de empregados publicos apozentados a comer de seis vencimentos! Bem o vira no Porto, em Braga, em Viana, em Aveiro, em Coimbra. Estoi-rava-se - é o termo - de abastança; nas sementeiras montanhas de milho que... não nasceram, nas fabricas paredes de riscado... que ninguem compra.

Oiro em fontes, baixelas que representam fortunas, luxo de nababos a morrer em *cazas de prego*; e os foguetes, os morteiros, as muzicas, os copos de agua, os banquetes!... Miséria economica - não; paiz rico, paiz de leves impostos, ignora, regaladamente, as dificuldades da vida.

Maos governos, intranquillidade sobre o futuro, fatalismo mussulmano e mortifero deprimindo a raça num syndroma de aniquilamento?... O' mas quanto a isso - que lembrança! - não eram os mais honestos, os mais sabios, os melhores, os seus ministros?! Toda a prosperidade, admiravel, destê torrão não era d'eles que vinha; como no milagre moisaico a agua brotando da rocha ao contacto da vara magica; e a população não a conheceu lhana, vibrante, consciente nas saudações ao trono de sete seculos!

Ah! Não era por ahi que se lhes creára o aspecto deprimido dos povos perdidos, o *facies* nacional de sofrimento e pobreza.

Devia ser outra couza. Devia indagar - talvez apparecesse... E appareceu. Ao fim de inqueritos, de conferencias, de *aturado estudo*... Mais companhias para os cossacos da guarda, e carabinas para a policia.

Era só isso... ia raiar a ventura!

João Fel.

Canhenho

Para aliviar tristezas dos pobres dou-me a reproduzir estas belezas: «Pratos e vinhos predilectos dos soberanos:

Nicolau II é grande amator de caça; gosta tambem muito do champagne e do Borgonha.

O imperador da Alemanha prefere as carnes de vaca e de carneiro; gosta de guloseimas e biscoitos. Os seus vinhos favoritos são o roederer, o marco-bruner e o liebfraumilch.

O imperador da Austria só gosta de carnes bem assadas. Como bebida prefere os vinhos da Hungria e de Bordeus.

O rei da Italia, esse, só come carnes brancas. Bebe com prazer os excellentes vinhos fracos da Côte d'Or,

O rei da Belgica é um bom garfo. Pela-se por caça que costuma regar com um admiravel vinho velho de Borgonha.

O rei da Suecia anda sempre numa quaresma perfeita: come durante todo o ano peixe e só peixe.

O rei de Espanha come muito pouco - é um passarinho a comer, como se costuma dizer - gosta de bolos e doces e bebe-lhe golinhos de Porto, para desenojar.

Quem lhes paga os comeres e bebes - o que é que bebe e come? Não falemos de coizas tristes!

Silva Pinto.

NOTICIARIO

Dia a dia

Regressou do Pará, abalado de saúde, o sr. Antonio Mendes de Vasconcellos.

- Está n'esta villa, em serviço na estação telegrapho-postal, o nosso conterraneo sr. Antonio d'Oliveira Pinto Junior.

Os ladrões

N'estas tenebrosas e longas noites de inverno é natural a cautela e o medo da ladroagem. Entre nós esse medo atingiu agora o acume de verdadeiro pavor, de desvairement imaginativo, embora factos precisos e positivos o justifiquem, ou, quando menos, o expliquem.

Povoado de larga dispersão, privado da mais elemental illuminação publica, desprovido, em absoluto, de policiamento, fica durante as infinitas noites de inverno completamente à mercê da gatunagem, que nunca falta, mormente n'um meio d'estes, tão admiravelmente propicio ao exercicio do roubo. De mais uns attentados audaciosos que já aqui relatamos, a impunidade e mysterio de seus auctores, maiormente impressionam a população, alarmando-a até ao ponto extremo do pavor irreflectido, do medo que se exteriorisa de modo que mais parecem soffrer a collectividade o estado de guerra barbara e sem quartel, que os remansos da tranquillidade e calma em que tem vivido. E deve-se reconhecer, dados os successos havidos e dada a fallencia de vigilancia official, que os moradores em suas casas rondando, ficando noites álerta, correspondendo-se com tirotoio, no fundo acautelam-se como devem ante possiveis ataques.

Ora isto creando um estado de instabilidade e intranquillidade horrorosas, prejudica no mais alto gráo a vida dos ovaenses: torna-se uma situação perigosissima.

Urgentemente, pois, é bem tempo de cuidar em dar-lhe remedio. Devemol-o á nossa terra, rebaixada com estas cousas a uma posição deprimente.

Roubos na semana:

Domingo á noite foi encontrado na igreja matriz d'esta villa um rapazola a que o sachristão teve a sorte de apanhar. Preparava-se para, noite alta, fazer o saque na igreja, de parceria com companheiros, um dos quaes, foi apanhado na mesma noite.

Na madrugada de terça-feira tentaram roubar uma caixa de esmolas de «umas alminhas» na Ponte Nova. Surprehendidos foram presos; um d'elles verificou-se que é um temivel gatuno evadido das cadeias da Feira. Para lá foi remetido, devilamente custodiado pelos officiaes da administração. Além d'estes boatos, tentativas varias de arrombamento, mais ou menos veridicas; - como dissemos, já acima, verdadeiro regime de Terror.

Festividades

No proxima terça-feira, 2 de fevereiro, realisa-se, como já noticiamos a festividade em honra da Virgem do Rosario, cujos sermões se acham a cargo dos dois distinctos oradores, rev. Bruno Telles, d'Aveiro, e Carvalho Maia, do Porto.

- No mesmo dia tambem tem lugar em Entre-Aguas, de Vallega, a festa da Senhora das Candeias, a que costuma concorrer muitosromeiros d'esta villa.

- Como estava annunciado, realiso-se domingo passado no Largo Almeida Garrett com a assistencia da philarmonica Ova-rensê, a festa do Martyr S. Sebastião, cujo arraial á tarde teve regular concorrência.

- Tambem está annunciada para domingo uma festa a S. Francisco de Sales, na capella do Calvário, promovida por uma associação religiosa sob a invocação d'aquelle Santo sem constituição legal. Essa associação, que nada de poveitoso tem, vive da exploração dos fiéis, a quem arranca annualmente, aos dezreitos e por dadas para se obter graças do seu santo, como lhe chama o seu boletim mensal, algumas centenas de mil réis, chegando os seus directores ou zeladores, com rivalidades das outras irmandades legalmente existentes, a depreciar a devoção d'estas para fazerem progredir a sua. Isto é inacreditavel entre benéficos catholicos, mas é verdade.

Dir-se-ha que essa associação sustenta uma escola. Mas que escola, Santo Deus! Uma escola que, tendo por professora uma mulher que pouco mais é que analfabeta, deforma o espirito e o cerebro das creanças como deforme e defeituosa é a leitura que lá se ensina.

Mais agradável seria aos olhos de Deus, sem duvida, se estes santos varões ensinassem, com o seu exemplo, a dar de comer a quem tem fome e vestir os nus e se, ao contrario da rancorosa reacção, que tem sêde de sangue, tratassem de estabelecer a paz entre os homens.

Consortio

No dia 17 consorciaram-se na igreja parochial o sr. Alexandre Morgado, factor da Companhia Real, e a sr.ª Maria Augusta Cardoso.

Em seguida ao acto, os noivos retiraram para Soure.

Fallecimento

Victimado pela tuberculose, finou-se no preterito domingo o sr. Luiz Ferreira Corrêa Alves, filho do sr. José Alves Corrêa e cunhado do nosso bom amigo Manuel Gomes dos Santos Regueira.

O seu enterro teve lugar no dia immediato ao anoitecer, com regular concorrência.

A familia enlutada as nossas condolências.

- Tambem succumbiu no dia 22 um filhinho do nosso dedicado correligionario sr. Manuel Moreira dos Santos, habil artista das officinas do caminho de ferro.

Bombairos Voluntarios e Socorros Mutuos

Reuniram domingo passado as assembleias geraes d'estas duas associações para discutir os relatorios e contas das respectivas gerencias de 1908 e pareceres do conselho fiscal, sendo approvados. Aquella associação, graças á generosa offerta do sr. Manuel Maria Barbosa Brandão, teve um saldo importante e esta saldou com 100\$000 réis, tendo sido a receita de 659\$315 réis e a despeza de 559\$315 réis. A assembleia dos Socorros Mutuos approvou votos de louvor, alem da

direcção, ao presidente da assembleia geral sr. Conselheiro Antonio dos Santos Sobreira e ao presidente do conselho fiscal, sr. João José Alves Cerqueira.

No proximo numero, visto n'este não dispormos de espaço, publicaremos a nota completa da conta d'esta ultima associacão.

Contribuições

Termina no dia 30 o praso para o pagamento voluntario das diferentes contribuições do Estado relativas ao anno findo, constando não haver este anno prorrogação de praso para essa cobrança.

Misericordia d'Ovar

Subscrição

Transporte Rs. . . . .	(1)4:41:820
Guilherme d'Oliveira Corrêa . . . . .	1\$000
Domingos Lopes da Silva . . . . .	1\$000
Afonso José Martins . . . . .	100\$000
José Pinheiro Garrido . . . . .	2\$000
José Nunes Lopes . . . . .	1\$000
Manuel Nunes Lopes . . . . .	5\$000
Manuel da Silva Ferreira . . . . .	2\$000
Eldriza Lima . . . . .	500
José Dias André . . . . .	500
Francisco Luiz de Souza . . . . .	500
Manuel Gomes Coelho . . . . .	500
João Antonio Rodrigues da Silva . . . . .	1\$500
Esmenia Dias de Souza . . . . .	200
Maria Zagallo . . . . .	5\$000
Candido Henriques da Silva . . . . .	1\$000
Maria José Pinto de Souza . . . . .	500
Rosa Pereira de Rezende . . . . .	200
Manuel Corrêa de Pinho . . . . .	300
Carolina Rebeço . . . . .	500
Ventura Lopes Carvalho . . . . .	500
Eduardo Corrêa . . . . .	200
Rosa d'Oliveira Soares . . . . .	100
José Rodrigues Estarreja . . . . .	1\$000
João Antonio Lopes . . . . .	1\$000
Maria José Carapinha . . . . .	500
Graça d'Oliveira Bernardina . . . . .	200
Joanna Rosa de Jesus . . . . .	1\$000
Abel Lamy . . . . .	1\$000
Thomé Pereira Ribeiro . . . . .	300
Manuel José Rodrigues . . . . .	100
Maria de Oliveira Bernardina . . . . .	500
Rosa de Oliveira Bernardina . . . . .	500
José Alves da Cruz . . . . .	2\$000
João d'Oliveira Vaz . . . . .	500
Damião Pereira Carvalho . . . . .	100
Manuel Soares Castella . . . . .	200
Manuel da Silva (o Chã) . . . . .	500
Salvador Pinto dos Santos . . . . .	200
Joanna Villa Franca . . . . .	500
Rosa Villa Franca . . . . .	500
Manuel Henriques Pereira . . . . .	1\$000
Francisco Maria Ferreira . . . . .	1\$000
Ma. celino . . . . .	1\$000
Maria Joanna Lopes . . . . .	200
João Fernandes da Graça . . . . .	500
Joaquim Saranha . . . . .	100
Manuel Maria Mattos . . . . .	500
Antonio Dias Simões . . . . .	2\$500
Bernardino Vidinha . . . . .	100
José da Silva Adriaõ . . . . .	3\$000
Maria do Carmo d'Oliveira Soares . . . . .	100
Rosa Pereira . . . . .	1\$000
Rosa d'Oliveira Farraia . . . . .	600
Apolonia de Jesus . . . . .	100
Joaquim Rodrigues Aleixo . . . . .	300
Manuel Pinto da-branca . . . . .	500
José André Boturão . . . . .	500
José Ferreira Coito . . . . .	200
Pedro Martha . . . . .	1\$000
Antonio Joaquim Martha . . . . .	500
Manuel Farraia . . . . .	500
Joaquim Marques de Pinho . . . . .	400
José Ferreira Valente . . . . .	2\$500
Joaquim Ferreira Valente . . . . .	200
Antonio Polvora . . . . .	500
Joaquim Valente . . . . .	1\$000
Domingos Valente Rato . . . . .	1\$000
João dos Santos Gesta . . . . .	1\$000
José Maria Veiros . . . . .	1\$000
José Maria Rodrigues His . . . . .	500
Joaquim José Valente . . . . .	1\$200
José Rodrigues Aleixo . . . . .	500
Maria José de Pinho . . . . .	1\$000
Thereza d'Oliveira de Pinho . . . . .	500

Bernardo Pereira de Rezende . . . . .	1\$500
Manuel Caetano da Silva . . . . .	1\$000
Maria Pereira . . . . .	200
Guilherme Valente d'Almeida . . . . .	200
Francisco Rodrigues Veiros . . . . .	100
Antonio Corrêa, o Terra . . . . .	100
Antonio Ferreira Valente . . . . .	500
Antonio d'Oliveira . . . . .	200
Rosa Pereira . . . . .	200
Anonymo M. M. . . . .	10\$000
Dr. Pedro Chaves e cunhada . . . . .	(2) 100\$000
Manoel Joaquim Araje . . . . .	(3) 3\$000
	4.688\$920

(Continua)

(1) O Padre Antonio Sanfins subscreveu com 5\$000 e não com 1\$000 reis, como se publicou na ultima lista e portanto addicionou-se a esta totalidade os restantes 4\$000 reis.

(2) O sr. dr. Pedro Chaves e cunhada declararam que se fôr escolhido para a edificação do hospital o terreno de seu cunhado dr. José Nogueira Dias d'Almeida, offerecem tambem, além d'aquella quantia, um terreno com a área approximada de 10:000 m<sup>2</sup>.

Se não fôr aquelle o terreno escolhido, então offertam mais a quantia equivalente ao seu.

(3) Os 500 réis subscriptos e já publicados com o nome de Manoel Joaquim Araje foram offerecidos pela sua familia residente em Ovar (esposa e filhas).

ANNUNCIOS

Vende-se

Uma casa terrea na rua da Fonte, dividida para dois moradores.

Para tratar com Manuel d'Oliveira Paulino.

Carrelhas & Filho, Suc.<sup>or</sup>

COM

Armazens de Vinhos, Aguardentes, Geropigas e Vinagres

PARA

CONSUMO e EXPORTAÇÃO

TANOARIA

Commissões

End. Teleg. - CARRELHAS

Rua das Figueiras

OVAR - Portugal

30\$000 REIS MENSAES

Qualquer póde ganhá-lo, exercendo uma industria que não depende de capital, que é d'absoluta novidade, e d'uma facilidade extrema. Póde-se exercer sem prejuizo de qualquer outra occupação.

Industria facil e lucrativa para os pobres, economia e recreio para os ricos.

Escrever, enviando 300 réis para o segredo, a Aurelio Augusto Corrêa, MONSÃO. A todo o comprador, é offerecido gratis, um lindo postal.

